

Hipérbole e *Extreme Case Formulations* na interação entre alemães e brasileiros

Carolina Passig¹

Titel: Hyperbel und *Extreme Case Formulations* in der Interaktion zwischen Deutschen und Brazilianern

Title: Hyperbole and *Extreme Case Formulations* in interaction between Germans and Brazilians

Palavras-chave: hipérbole; *Extreme Case Formulations*; máximas conversacionais; GAT 2; Análise da Conversação

Schlüsselwörter: Hyperbel; *Extreme Case Formulations*; Konversationsmaximen; GAT 2; Konversationsanalyse

Key-words: hyperbole – *Extreme Case Formulations* – conversational maxims – GAT 2 – conversation analysis

1. Introdução

A hipérbole, o exagero discursivo, faz parte da linguagem do dia-a-dia. É comum dizer, por exemplo, quando se quer comer, que se está “morrendo de fome” ou, quando se vê uma pessoa muito alta, que ela tem “dez metros de altura”. Ora, ficar algumas horas sem comer geralmente não leva ninguém a óbito e não há registros conhecidos de um ser humano que medisse dez metros de altura, mas essas estruturas parecem expressar, dentre outras coisas, sentimentos e julgamentos sobre o mundo exterior.

Apesar de intrínseca ao discurso, a hipérbole foi relativamente pouco estudada no passado em relação a outras figuras linguísticas, como apontado por Gibbs (1994). Desde então, porém, alguns estudos experimentais foram feitos e é nesse contexto que este trabalho se insere. Aqui, tem-se o objetivo de analisar as hipérboles encontradas em uma conversa entre estudantes brasileiros e alemães sobre as diferenças entre Brasil e Alemanha. Além disso, pretende-se relacioná-las à noção de Norrick (2004) de que seria possível estabelecer uma diferença entre hipérboles e *Extreme Case Formulations* (POMERANTZ 1986) com base no fato de que estas violariam a máxima conversacional da qualidade, proposta por Grice (1975), enquanto aquelas quebrariam a máxima da quantidade (cf. GRICE 1975). Dessa forma, testa-se a viabilidade dessa classificação na análise de dados à luz da Análise da Conversação e da Pragmática Intercultural.

2. Aporte teórico

¹ Mestranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: carolpassig@ufmg.br

Neste estudo, toma-se como base o trabalho de Grice (1975). Nele, o autor apresenta os conceitos de **implicatura convencional**, uma lógica de sentido ligada ao sentido convencional das palavras usadas no enunciado, e a **implicatura conversacional**, ligada a aspectos internos da interação. Há, ainda, o **Princípio da Cooperação**, que, como o termo sugere, seria uma espécie de regra geral de cooperação entre os participantes de uma conversa, em prol da viabilidade e continuidade comunicativa. Esse princípio seria viabilizado por quatro grandes máximas conversacionais, listadas a seguir:

- **Máxima da quantidade:** faça sua contribuição ser tão informativa quanto necessário e não faça sua contribuição ser mais informativa que o necessário;
- **Máxima da qualidade:** não diga algo que você acredita ser falso e não diga algo sobre o qual você não tenha evidência adequada;
- **Máxima da relação:** seja relevante;
- **Máxima do modo:** seja claro.

Grice (1975) aborda brevemente a questão da hipérbole, apontando-a como um caso em que a primeira máxima da qualidade seria deixada de lado a fim de se chegar a uma implicatura conversacional por meio de algo semelhante a uma figura de linguagem.

Já Norrick (2004), com base em Gibbs (1994), traz um panorama diferente, diferenciando as chamadas *Extreme Case Formulations*, ou *ECFs* (POMERANTZ 1986) - formulações hiperbólicas com itens lexicais extremos, como **tudo, ninguém, nunca** etc. -, de hipérboles convencionais. De acordo com ele, estas violariam a máxima da quantidade, pois, ao expressar a grande extensão de uma fila com um enunciado como “*esta fila está indo daqui até a China*”, não se teria informação suficiente para determinar o que o falante de fato pensa e quão longa é a fila, sendo necessário fazer suposições a fim de se estabelecer uma significação.

De modo diferente, as *Extreme Case Formulations* quebrariam a máxima conversacional da qualidade. Assim, em uma situação em que se tem a intenção de exprimir que uma pessoa não telefona com a frequência adequada ou desejada, por exemplo, pode-se dizer algo como “*you never call me*”, e, nesse caso, há um dizer que se sabe falso pelas duas partes da conversa, mas, ao mesmo tempo, ficaria claro para o interlocutor que o objetivo do enunciador não seria o de determinar a quantidade de ligações recebidas, mas sua insatisfação.

Ainda segundo Norrick (2004), existiria também a possibilidade de haver *ECFs* sem itens lexicais extremos, usando como exemplo comparações com “deus” – como em “*he thinks he is God*”. Nesse caso, Deus seria o ponto máximo de uma escala hiperbólica.

É interessante ressaltar que Grice (1975) aparentemente não fazia essa diferenciação de tipos de hipérbole, pois, no único exemplo apresentado por ele a respeito desse tropo linguístico, a saber, “*Every nice girl loves a sailor*” (p. 728) (“Toda boa menina ama um marinheiro”, em tradução livre), teria-se também um caso de *ECF*, devido ao item lexical extremo *every* (“toda”).

3. Método

Os dados utilizados para esta análise fazem parte do *corpus* do grupo de pesquisa *Comunicação (Inter-) cultural em Interação*, coordenado por Ulrike Schröder na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O grupo de pesquisa utiliza, em suas transcrições, o software EXMARaLDA (SCHMIDT & WÖRNER 2009) e o sistema de transcrição GAT 2, desenvolvido por Selting et al. (2011). As convenções de transcrição utilizadas nos trechos deste trabalho podem ser encontradas no Anexo (1).

A conversa em si foi captada em áudio e vídeo, com duração de cerca de duas horas, em maio de 2010 na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte. Participaram dessa interação quatro alemães e quatro brasileiros, sendo que todos eram universitários do sexo masculino, cujas idades variavam entre 20 e 37 anos. Todos os alemães falavam pelo menos um pouco de português e todos os brasileiros, pelo menos um pouco de alemão. Havia oito cartões com tópicos conversacionais, a fim de estimular a interação, que poderia ocorrer livremente, na língua que os participantes desejassem.

Na transcrição, o nome de cada participante foi substituído por um código formado pelas letras A (indicativo de “alemão”) ou B (indicativo de “brasileiro”) e um número de 1 a 4 (para diferenciação individual). Dessa forma, a disposição dos participantes se deu como pode ser visto na figura abaixo:

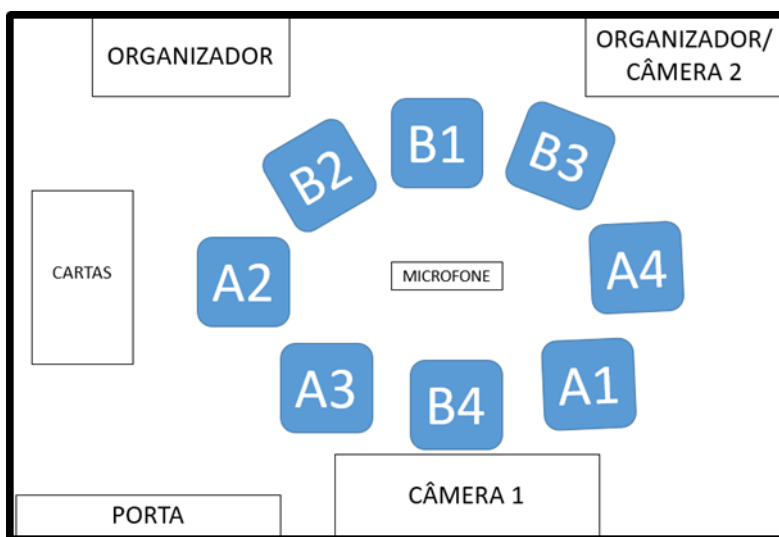


Figura 1 - Disposição dos participantes (A = Alemães, B = Brasileiros)

A análise de dados foi feita levando em consideração a situação comunicativa de cada ocorrência de hipótese encontrada, usando os preceitos de contextualização da Análise da Conversação como ferramenta metodológica (KERBRAT-ORECCHIONI 2006).

4. Análise

4.1 Hipérboles não extremas

Apesar de haver significativamente mais turnos de alemães que de brasileiros na conversa analisada, parece haver mais ocorrências de hipérboles não extremas na fala de brasileiros, embora não se tenha feito um estudo quantitativo neste trabalho.

No trecho (1), cuja transcrição se encontra no anexo, os participantes estão conversando sobre os objetivos de B2 ao estudar alemão, e A2 pergunta há quanto tempo ele estuda a língua.

Nas linhas 03 a 06, B2 conta sobre seu acidente com a intenção de justificar sua interrupção nos estudos de alemão. Tal informação seria relevante para a interação, assim como os detalhes sobre a gravidade do ocorrido, expostos nas linhas 05 e 06. Reforça-se, assim, o argumento do falante. Dessa forma, não parece possível identificar uma violação da máxima de quantidade. Há, porém, uma evidente violação da máxima da qualidade, posto que não parece factível um fêmur **pular** para fora de uma perna. Essa aparente quebra de máxima evoca uma implicatura conversacional, pois, preservado o Princípio da Cooperação, o interlocutor B1 não duvida do que está sendo dito, mas solidariza-se com B2, como pode ser observado na linha 07. Infere-se, então, que B3 teve um problema sério com o fêmur em decorrência do acidente de trânsito.

No trecho (2), cuja transcrição se encontra no anexo, os participantes conversam sobre a disponibilidade de comidas alemãs em Belo Horizonte.

No momento em que A2 expressa sua felicidade em fazer *Spätzle*, um prato típico da culinária alemã, em sua casa em Belo Horizonte (linhas 01, 02 e 05), ele o faz dizendo que quase chorou de alegria (linha 05), o que parece uma reação improvável para a situação. Esse enunciado conclui o caso narrado por A2, expressando seu sentimento em relação a ele. Não há, portanto, violação da máxima da quantidade, embora, como no exemplo anterior, a máxima da qualidade pareça ter sido abandonada. A inferência possível nesse caso, portanto, é a do uso da hipérbole como recurso de humor, o que é indicado pela reação de A1, que ri, como visto na linha 06.

4.2 Hipérboles extremas (*Extreme Case Formulations*)

As *ECFs* foram, aparentemente, as formas hiperbólicas mais frequentes, tanto na fala de alemães quanto na de brasileiros, mas seria necessário desenvolver uma análise quantitativa a fim de se apresentar dados conclusivos.

No trecho (3), cuja transcrição se encontra no anexo, os estudantes estão conversando sobre diferenças na vida cotidiana em lugares que eles conheciam ou dos quais já tinham ouvido falar. Vem à tona, então, um assunto sobre dificuldades com o transporte público.

Nessa sequência, ao afirmar, na linha 09, que não há “nenhum” ônibus na América, A3 faz uso de um item lexical extremo que externa algo que ele sabe não ser verdade, pois o fato de haver ônibus na América é amplamente conhecido. Desse modo, fere-se, aqui, a máxima conversacional da qualidade, assim como os dois exemplos vistos no item 4.1. A implicatura conversacional possível, então, é a de que A3 considera a quantidade de ônibus na América insuficiente ou menor que a desejada, e usa uma hipérbole extrema para aumentar sua força argumentativa.

No trecho (4), cuja transcrição se encontra no anexo, o assunto da conversa é o campo da engenharia, especialmente em termos de formação acadêmica e trabalho, pelo fato de dois dos participantes da interação serem estudantes dessa área.

Nesse exemplo, na linha 05, B4 utiliza o comparativo extremo “pior” para descrever o salário de um engenheiro na década de oitenta no Brasil. B4 estava engajado na situação discursiva – ou seja, ele não optou por abandonar a cooperação na conversa - e provavelmente sabe que o salário de um profissional que possui curso superior dificilmente será o pior salário de um país. Assim, pode-se fazer a leitura de que houve um abandono da máxima da qualidade em prol de uma maior força argumentativa, implicando que B4 considera o valor pago aos engenheiros na época mais baixos que o aceitável ou desejável. A4 aceita a contribuição de B4, tomando-a como agregadora de conhecimento, como pode ser visto na linha 06. B4 prossegue, na linha 07, afirmando que “ninguém” procurava o curso de engenharia, o que torna sua afirmação mais forte com o uso de uma *Extreme Case Formulation*, repetindo, dessa forma, o recurso empregado na linha 05.

4.3 Hipérboles extremas sem itens lexicais extremos

Como visto no item 2, Norrick (2004) aponta a possibilidade de haver *Extreme Case Formulations* que não trazem itens lexicais extremos. Eles seriam identificáveis como sendo enunciados com expressões que simbolizam o ponto máximo em uma escala e, assim como *ECFs*, feririam a máxima conversacional da qualidade. Nos dados, foi encontrado um exemplo que poderia se encaixar nessa categoria.

No trecho (5), cuja transcrição está no anexo, B1 estava contando sobre sua viagem à Alemanha e fala sobre a vista do alto de um castelo (linhas 01 a 04). A fim de intensificar seu argumento, criando a implicatura conversacional de que o lugar era extremamente belo, ele utiliza uma hipérbole relacionada à morte (linha 06). Nesse sentido, tem-se que morrer seria o mais alto grau em uma escala de sentimento, do mesmo modo que “morrer de fome” seria sentir o máximo de fome possível e

“morrer de frio” seria sentir o máximo de frio possível. Assim, “posso morrer aqui que tá bom” (linha 06) significaria um sentimento extremo de completude e contemplação gerado pela paisagem. Há, portanto, uma violação da máxima conversacional da qualidade, pois B1 não acharia realmente bom morrer no alto do castelo naquele momento.

Interessantemente, essa quebra de máxima como meio de criar uma implicatura conversacional não é aceita pelos alemães, que não reconhecem, na conversa, a noção de morte como item extremo. Dessa forma, a implicatura não se consolida. Isso pode ser visto na linha 07, quando A2 rebate a colocação de B1 com a expressão “Nossa Senhora” e A1 ri. B1 faz, então, um reparo na linha 09, embora insista no item lexical “morrer”. Esse uso é novamente rejeitado por A2, que sugere “esperar o menino nascer” [para pensar em morrer], em referência ao fato de que, na época da filmagem da conversa, a esposa de B1 estava grávida.

5. Conclusões

Foram encontradas, nos dados, ocorrências de hipérboles, *Extreme Case Formulations* e hipérboles extremas sem itens lexicais extremos. Verificou-se também que o critério de classificação de Norrick (2004), que tem como base as máximas conversacionais de Grice (1975), se mostrou problemático, uma vez que, nos exemplos encontrados, não foi possível encontrar uma violação da máxima da quantidade. As classificações em si, do ponto de vista lexical, se mostraram, no entanto, interessantes. Isso significa que pode ser útil, para os estudos sobre exagero discursivo, fazer a distinção entre *Extreme Case Formulations* e hipérboles comuns baseando-se no uso de itens lexicais extremos e, talvez, em graus de metaforicidade, o que poderá ser feito em estudos posteriores.

O fato de a conversa ter sido majoritariamente em português, língua que os participantes alemães (com exceção de A2) não dominavam muito bem, impediu uma análise comparativa entre as hipérboles utilizadas pelos alemães e pelos brasileiros. É interessante, portanto, pesquisar mais a fundo a incidência de hipérboles, especialmente as não extremas, no discurso de alemães, já que seu uso de *ECFs* foi frequente, apesar da barreira linguística.

Foi interessante, ainda, observar que as implicaturas conversacionais colocadas na interação por meio da hipérbole não são absolutas e podem causar mal-entendidos, como pôde ser visto na interação analisada neste trabalho. Dado que o truncamento na interação ocorreu entre um brasileiro e dois alemães (ver trecho (5)), pode ser interessante investigar mais a fundo em que medida a aceitação das implicaturas – e, conseqüentemente, da hipérbole – varia cultural e linguisticamente, a fim de se compreender melhor não só essa ocorrência como o exagero discursivo de um modo geral.

Anexos

Convenções de transcrição do GAT2

[]	sobreposição e fala simultânea
[]	
=	continuação rápida e imediata com um novo turno ou segmento (latching)
que_a, e_e	cliticizações dentro de unidades
eh, ahm, uhm	marcadores de hesitação, assim chamados de “pausas preenchidas”
etc.	
(.)	micro pausa estimada em até 0,2 seg de duração aprox.
(-)	pausa curta estimada em aprox. 0,2 – 0,5 seg de duração
;, ::, :::	alongamento (0,2-0,5s.; 0,5-0,8s.; 0,9-1,0s. respectivamente)
((ri))	ações e eventos não verbais
<<rindo> >	descrição com indicação de escopo
Sílaba	acento focal
sílaba	acento secundário
?	alto ascendente (movimento entonacional no final das unidades entonacionais)
,	ascendente (movimento entonacional no final das unidades entonacionais)
-	nivelado (movimento entonacional no final das unidades entonacionais)
;	descendente (movimento entonacional no final das unidades entonacionais)
.	baixo descendente (movimento entonacional no final das unidades entonacionais)
en`TÃO	descendente (notação intralinear de movimentos entonacionais)
en´TÃO	ascendente (notação intralinear de movimentos entonacionais)
→	linha de transcrição relevante na argumentação

FONTE: SELTING, trad. Ulrike Schöder et al. (No prelo).

Trecho (1)

01 A2: desde quando cê aprendEU?
 02 ou tá aprendENdo?
 ((...))
 03 B2: eu tive um aciDENTE de trÃnsito,=
 04 =parEi de estuDAR,
 →05 o meu_o meu fêmur (.) QUase que pulou
 para fora da minha pErn_a::=
 →06 =[do meu CO:R]po;
 →07 B1: [que ISso.]

Trecho (2)

01 A2: ja hab ich SPÄtzle dann gemAcht;
 é, aí eu fiz Spätzle
 02 zu HAUse;
 em casa
 03 du_das WAR, (-)
 foi
 04 A1: HERRlich;
 magnífico
 →05 A2: ich hab fast geWEINT(.) vor frE:ude.
 eu quase chorei de alegria
 →06 A1: ((lacht))
 ri

Trecho (3)

01 A3: Eigentlich ist es in braSIlien; (.)
 na verdade é no Brasil
 02 so wie in iTAlien,

Passig, C. – Hipérboles e *Extreme Case Formulations*

- 03 que nem na Itália
 †BUSse kOmmen; (.)
 os ônibus vêm
 04 aber du wEISst nicht genAu.
 mas você não sabe exatamente
 05 WANN sie kommen so-
 quando eles vêm
 06 A2: †WENN der kommt (.) und dAnn
 se ele vem, e aí
 07 <<lacht> der HÄLT oder nIcht;>
 se ele para ou não
 08 A3: (was für) †BUSse?
 (que) ônibus?
 →09 in amErika gibt es keine BUSse,
 na América não tem nenhum ônibus.

Trecho (4)

- 01 B4: é engraÇAdo porquE; ;
 02 na dÉcada de oitenta no braSIL,
 03 a: engenharIa tava em BAIXa;
 04 então TIpo assI:m;
 →05 era (.) o piOR salÁrio que podia existir
 entre as profissões.
 →06 A4: ah É:?
 ((...))
 →07 B4: então ninGUÉM (.) procurAva.

Trecho (5)

- 01 B1: eu cheguei no_no alto do castElo e.=
 02 =consegui ver a FRAnça?(-)
 03 o RENo?(-)
 04 ahm baden BAden?(-)
 ((...))
 05 NOssa(-) eu falei que que é Isso;
 →06 eu falei eu vou_eu POSso morrEr aqui que tá bom;
 →07 A2: <<rindo> nOssa seNHOrA;>
 →08 A1: <<rindo> tudo †FEIto já;>
 →09 B1: não †HOje (-) mas eu posso morrEr aqui
 →10 A2: vamo esperAr o menino nasCER;

Referências bibliográficas

- GIBBS, Raymond W. *The Poetics of Mind*. Cambridge, Cambridge University Press, 1994.
- GRICE, H. P. Logic and conversation. In: EVITIN, Daniel J. (Org.) *Foundations of cognitive psychology: core readings*. Cambridge, The MIT Press, 2002.
- NORRICK, Neal R. Hyperbole, extreme case formulation. In: *Journal of Pragmatics* 36, 2004, 1727-1739.
- POMERANTZ, Anita. Extreme case formulations: a way of legitimizing claims. In: *Human Studies* 9, 1986, 219-229.
- SCHMIDT, Thomas / WÖRNER, Kai. EXMARALDA – creating, analyzing and sharing spoken language corpora for pragmatic research. In: *Pragmatics* 19(4), 2009, 565-582.
- SELTING, Margret et al. A system for transcribing talk-in-interactions: GAT 2. In: *Gesprächsforschung - Online-Zeitschrift zur verbalen Interaktion* 12, 2011, 1-51.
- SELTING, Margret et al. Um sistema para transcrever fala-em-interação: GAT 2. Tradução de Ulrike Schröder et al. No prelo.